

1 Introdução

A partir da década de sessenta a literatura sentiu a necessidade de expansão para além dos livros e da academia; era preciso ir a busca de novos canais de expressão. A arte literária foi às ruas através de pichações nos muros, organizou exposições, aliou-se à música. A poética musical tomava corpo.

O cenário literário da década de oitenta assistiu a uma normalização pós-vanguardista. A preocupação com a produção nesse período era muito mais com a forma de veiculação do poema do que propriamente com qualquer novidade no campo da linguagem. Assim, a poética musical contemporânea revivia o espírito marginal despertado em 68, agora embalada pelo clima de protesto das letras de rock.

Desta forma, esta dissertação passeia pelo cenário musical brasileiro desde os fins década de cinquenta até os anos 1980, quando o rock se consolidou enquanto estilo de música nacional, a fim de compreendermos a contribuição de Renato Russo e Cazuza para a constituição do cenário poético musical brasileiro.

Não pretendemos engrossar as discussões a respeito do questionamento se letra de música é ou não literatura, todavia acreditamos ser na música popular brasileira, enquanto manifestação marginal, que a poesia¹ encontra espaço para a expressão de posturas contraculturais. A escolha do rock se deve exatamente a essa razão, por ser o movimento que traz em si o ideário da contracultura. Como atesta Goli Guerreiro (1994, p.15), “o rock, no seio da Contracultura, era o gênero musical capaz de traduzir a revolta e a rebeldia de uma geração que tornou indissociável a música e o comportamento.”

A Contracultura foi um movimento de contestação ocorrido na década de sessenta, que preconizava romper com qualquer padrão institucionalizado, visando à liberdade de expressão. Desta forma, grupos heterogêneos eram atraídos por um sentimento empático, que os fazia sentir membros de uma mesma tribo.

Assim sendo, o tribalismo caracteriza um processo de socialização no qual a pluralidade de estilos de vida não representa um fator excludente. Ao contrário, os

¹ O conceito de poesia ao qual nos referimos aqui e que sustenta toda a nossa abordagem é aquele que resgata o seu sentido etimológico, *poiēse*, pois nos importa o ato de criação no fazer poético

membros da tribo são atraídos por uma identidade construída a partir do desejo de negação do princípio de autoridade, independentemente de suas raízes culturais.

Nesse contexto, o rock é o estilo musical que representa a expressão de uma tribo, caracterizado pelo espírito de contestação e que tem um forte poder de mobilização de massas. Assim, a maneira rocker de ser determina identidades entre indivíduos múltiplos, gerando uma espécie de nova agregação social.

Até que o rock chegasse ao Brasil e se projetasse como estilo nacional, vários outros passaram pelo nosso cenário musical. Sua entrada no país aconteceu por volta de 1957, com a exibição do filme *Rock around o'clock – No balanço das horas*. No entanto, ele ocupou uma posição periférica na cena musical, enquanto outros estilos chamavam a atenção do público e da mídia.

Entre as décadas de cinquenta e sessenta sobressaíram a Bossa Nova e a Canção de Protesto. Embora esta pareça ter surgido como uma espécie de continuação daquela, as diferenças entre ambas eram significativas. A Bossa Nova estava mais preocupada com o campo musical em termos de melodia e harmonia, configurando-se como um estilo despojado e desengajado. A Canção de Protesto, ao contrário, procurou expressar em suas músicas todo o clima de efervescência sociopolítica pelo qual passava o país naqueles anos sessenta.

Ainda nos anos 1960, tivemos a Jovem Guarda, que foi uma prévia do rock que explodia lá fora, sem, contudo, o caráter contracultural deste. O que o movimento jovanguardista trazia do rock era o ritmo alegre e dançante.

Na virada desta década para a de setenta aconteceu o movimento Tropicalista, que representou uma inovação na linguagem musical e artística. Apesar de sua principal preocupação ter sido a mudança no campo estético, a Tropicália deu início a um engajamento mais crítico, que serviu de ponte para a revolução contracultural.

O rock, enquanto movimento contracultural, só apareceu no cenário musical brasileiro na década de oitenta e alguns fatores sociais e culturais contribuíram para sua afirmação. A abertura política e a redemocratização, por exemplo, possibilitaram uma maior liberdade de expressão e o rock encontrou então espaço para se manifestar, pois rock e governo autoritário não combinavam. Desta forma, os jovens encontraram nesse estilo musical o veículo para exteriorizar suas angústias, insatisfações e posturas críticas.

Outros dois veículos foram de suma importância para a implantação e a afirmação do rock no Brasil nos anos oitenta: o Circo Voador e Rádio Fluminense FM, ambos no Rio de Janeiro. Através dos dois, as bandas roqueiras surgidas nesta década encontraram a divulgação necessária para alcançarem o sucesso.

Já vimos que o rock tornou-se mais do que um estilo musical, mas uma maneira de ser. Sendo assim, não tardou para que ele se tornasse objeto de consumo da grande massa que, estimulada pela mídia eletrônica, então mais presente nos lares, viu neste ato uma maneira de pertencer a um grupo comum.

Por outro lado, essa matéria de consumo foi percebida pela indústria fonográfica como um filão mercadológico, que tornou o movimento uma forma rentável de tratar a música popular brasileira.

Assim sendo, os anos 1980 irão assistir a uma proliferação de bandas de rock, impulsionadas por todos esses fatores socioculturais que abriram as portas para a projeção do movimento roqueiro no cenário musical brasileiro.

Muitas dessas bandas foram sucessos de público e de crítica; algumas, mais de um do que de outro. No entanto, todas elas tinham algo em comum: eram formadas por jovens que faziam música para jovens. Este universo juvenil era retratado em suas letras que, em sua maioria, tratava de questões cotidianas, fossem estas de esfera amorosa ou social.

Por esta razão, a identificação da camada jovem para com essas bandas foi imediata. Ela viu nestas uma espécie de voz coletiva que denunciava todos os seus questionamentos e suas inquietações.

Nesse contexto, dois letristas se sobressaíram pela sua maneira poética de tratar essas questões cotidianas: Renato Russo e Cazuzza. Estes representaram como ninguém o grito urgente daqueles que eram marginalizados e perseguidos, daqueles que sofriam – seja um sofrer por amor, nas canções líricas; seja um sofrer social, nas canções políticas.

A vida e obra de Renato Russo e Cazuzza confundem-se, pois estão intrinsecamente ligadas. Aquilo que escreveram não era apenas o retrato social de uma época, um perfil dos fatores socioculturais do país, mas a imagem daquilo que eles eram, numa espécie de catarse daquilo que eles próprios viviam. “Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”, diria Renato Russo numa de suas letras.

Ambos seguiram o mito do poeta romântico, para o qual a vida era matéria de inspiração para a arte. Através deste prisma, viveram até as últimas conseqüências o amor, a transgressão, a autodestruição. Tudo era razão para o seu fazer poético.

Suas letras foram marcadas por um forte sentimento de angústia e melancolia, muitas vezes chegando a uma postura pessimista e niilista, numa espécie de releitura do “mal do século” vivido pelos poetas românticos. Era como se não existisse realização, pessoal ou social, sem sofrimento.

Suas atitudes transgressoras estavam ligadas a um imaginário de rebeldia marginal que era cultivada e reverenciada por ambos. Tanto Renato Russo quanto Cazuza pretendiam fazer parte de uma marginalidade, negando, controvertidamente, os valores da sociedade burguesa a qual pertenciam. O mapeamento de suas composições nos permitirá observar todas essas questões.

Portanto, um estudo sobre a vida e a obra dos dois letristas, unidas à conjuntura sociocultural na qual estão inseridas, nos possibilitará compreender as posturas críticas e contraculturais daquele momento histórico, que foram retratadas com potência em suas letras, configurando-se como formas poéticas à margem .